"O Outro Nordeste", de Djacir Menezes, de 1937 a 2017

Paulo Elpídio de Menezes Neto*

> "Nas áreas das caatingas as condições foram favoráveis ao nomadismo: maiores foram os contingentes que saíram para o cangaço. Ainda entra o fator político [...] os municípios do interior, constituídos como pequenos burgos em mãos do chefe político apoiado pelo governo, dominando uma turba em armas, pelos sítios, pelas fazendas...".
>
> Djacir Menezes, "O Outro Nordeste", Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1937.

Este outro Nordeste das fazendas de criação, em terra seca e sua gente dispersa pelos caminhos da penetração

A grande exploração rural é um empreendimento singular nos quadros da organização econômica brasileira colonial. Ela é, por excelência, instrumento de absorção da terra e fonte geradora de sua riqueza, nela se reflete *"o poder dos grandes proprietários, cuja autoridade se mede de fato pelo número de dependentes e trabalhadores que os rodeiam e pela quantidade de terras que possuem* (1).

No Nordeste brasileiro, em decorrência de condições geográficas e climáticas próprias, afora outras causas intervenientes, as fazendas de cana de açúcar, associadas aos engenhos e usinas, fixaram-se em zonas propícias a essas atividades extrativas e transformadoras. As fazendas de criação buscaram o interior, afastando-se do litoral, na penetração dos sertões, no rastro do gado disperso pelos grandes vazios cortados pelos raros núcleos humanos estabelecidos. A grande exploração rural não se assemelha a uma

* Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

simples propriedade territorial, em sentido estrito. Ela representa, de fato, o suporte de uma família, o símbolo de um nome, cabedais, algum capital, e relações de trabalho, incluindo em uma estrutura econômica rudimentar, do regime escravocrata ao de paga em contados ou por troca.

"O Outro Nordeste", de Djacir Menezes, contrapõe à imagem da grande exploração rural do Nordeste úmido da cana de açúcar (a "civilização do açúcar", de Gilberto Freyre, expressão de um vínculo entre a cultura e a natureza), à da fazenda de criação do semiárido (a "civilização do couro e do algodão"), cenários distintos de atividades e relações diferenciadas, ainda que pudessem ser vistas como complementares no exíguo panorama da economia colonial.

A regionalização "nordeste" surge em torno do semiárido e ganha expressão com a persistência das secas. Embora não perca a visão de um conjunto que desenha os contornos de uma região, para Gilberto Freyre a expressão mais consistente do "Nordeste" reside justamente no universo agrário, na zona da mata. O Nordeste da "terra gorda e de ar oleoso" que não é o da "areia seca rangendo debaixo dos pés" (2).

Privilegiamos nestes tópicos, na abertura da 3ª. edição de "O Outro Nordeste", comemorativa dos oitenta anos do seu lançamento pela Livraria José Olympio Editora, os aspectos diretamente associados às relações de poder e dominação, na precedência do mando e das imposições de obediência, e dos direitos e deveres nos espaços do latifúndio patriarcalista e da exploração pastoril, como a via Djacir Menezes.

A autoridade confunde-se, nesse universo de relações, com o poder de mando, abrandado pelos vínculos de subordinação, respeito e proteção. À parte a massa dos trabalhadores servis, submetidos, segundo Max Weber, a uma forma de "coerção absoluta", os laços sociais predominantes apontam para relações de solidariedades pessoais de proteção e obediência, das quais o dono da terra é personagem distinguida. Em sentido mais amplo, percebe-se, nessa tecitura, a existência frágil de graus ou escalas sociais nítidos: delineiam-se dois extratos, baseados na apropriação, na posse – um deles, o de quem manda, elege, governa, comanda, defende, condena, absolve. É Weber quem assinala com rigor (3):

"... il existe deux types de domination représentant des pôles opposés. D'un côté, la domination en vertu d'une configuration d'intérêts (en particulier d'une situation de monopole), et, de l'autre, la domination en vertu d'une autorité (pouvoir de donner des ordres et devoir d'obéissance)".

A *"civilização do couro",* síntese construída por Capistrano de Abreu (4), fixa com nitidez as características autárquicas das fazendas de criação, aquela que abastece as necessidades do grupo nuclear e dos que a ele se associam, nos limites de sua autossuficiência. Distantes, isolados nos vazios da ocupação territorial, esses domínios produziam para o atendimento das necessidades elementares de subsistência.

A estrutura da dominação predominante nesses grupamentos de atividade pecuária baseia-se no sentido estrito emprestado pela tradição. A dominação em si, conquanto se oriente, dessa forma, pelas regras e costumes transmitidos pela tradição é exercida, conforme Weber (5), *"em decorrência de um direito pessoal"*. A obediência, nesse caso, é alcançada, pelas relações de recíproca aceitação, pelos compromissos tácitos de lealdade e proteção, como bem o demonstrara Max Weber em seus estudos sobre poder e dominação.

A criação de gado expandiu-se com a penetração pelos sertões do Nordeste, do Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte. A natureza da criação, os rebanhos reduzidos e o pasto natural que servia aos animais, sem a exigência de espaços mais dilatados, retratam a pobreza da atividade pecuária. Predominavam nesse meio as pequenas propriedades de criação. Conquanto muitas delas ocupassem terras abundantes – parte das quais inservíveis, caatinga extensa, pasto ralo em terreno pedregoso – o valor econômico da "propriedade" dissimulava a pobreza do seu titular, não lhe conferia distinção quanto aos vaqueiros e agregados, submetidos à rotina da criação de gado e do plantio do essencial para a sobrevivência do rebanho e de todo o grupo... Tangidos pelas circunstâncias, muitos deles retornavam ao litoral ou se embrenhavam pelo sertão, em grupos desordenados, nômades, sem atividade certa.

Nesses domínios, desenvolvidos com base na atividade criatória, os vaqueiros e trabalhadores, bem assim, as milícias, os "jagunços", constituíam a aderência de acostados que partilhavam das relações de solidariedade, da proteção, lealdade e prestação de serviços. Djacir Menezes em *"O Outro Nordeste"* (6) fixa os contornos e o perfil singular do caráter das relações sociais que se estabelecem nas fazendas de criação do sertão cearense, em confronto com a estrutura das relações geradas pelas fazendas de cana de açúcar. O sentido inicial da ocupação do solo e a natureza da exploração econômica assim estabelecidas, em cada uma dessas regiões, constituem os elementos diferenciadores, no plano social e cultural, das formas de dominação que se vão, aos poucos, modelando.

Djacir Menezes, em *"O Outro Nordeste",* consolida em amplo mural os aspectos predominantes da economia dessa sub-região nordestina – o sertão, as terras secas, a enormidade das extensões da caatinga, a escassez de água – e as relações que aproximam e confrontam pessoas, grupos, famílias e proprietários rurais.

O sentimento de desconfiança e a ausência de qualquer espécie de obrigação real de solidariedade manifestam-se em relação ao universo exterior. Neste sentido, observa Jean Yves Calvez (7):

> *"Muitas vezes o espírito de solidariedade é tanto mais fraco em relação ao conjunto quanto o espírito comunitário é forte em relação à pequena unidade integrada".*

A coesão interna, como se vê, fortalece-se com os vínculos de solidariedade, na figuração do *"inimigo objetivo"*, a ameaça que vem de fora. Citam-se, a propósito, as observações oferecidas por Oliveira Viana em relação aos laços de solidariedade que se desenham nesse âmbito:

> *"Tendo embora conseguido realizar uma poderosa solidariedade interna e uma consciência social correspondente, esses clãs não chegam, entretanto — dada a carência de agentes de integração política — a realizar igual solidariedade externa. Isto é, não conseguem formar e fixar a consciência de uma solidariedade mais vasta" (8).*

O isolamento imposto pelas distâncias, mercê da inexistência de um efetivo poder centralizador e de uma economia estável, determinou a fragilidade dos laços firmes de solidariedade externa.

A pecuária não sobressaiu pela sua dimensão econômica ou pela sua importância à vista das demandas do mercado externo. Por essa razão persistiu ali o emprego de métodos tradicionais de pastoreio: a continuidade de práticas rotineiras estendeu-se pelo tempo, até nossos dias, pouco mudaram, salvo exceções decorrentes de influências modernizadores, mais recentes. A criação extensiva, caracterizada pela dispersão dos rebanhos, preserva o recurso a procedimentos rudimentares, os únicos compatíveis com a natureza do empreendimento e as condições naturais e econômicas que o cercam.

A terra tem precedência nesse contexto: serve para a pastagem do gado e garante a agricultura elementar de subsistência. Dessa atividade

econômica marginal todos tiram o seu sustento e as provisões para os períodos críticos das estações invernosas ou das estiagens prolongadas.

Diversamente do que ocorrera com a economia açucareira,

> *"não se investiam ali, os capitais que, em Pernambuco e no Recôncavo, aceleravam a exploração agrícola. A atividade econômica no Nordeste, notadamente a da pecuária, deriva da morfologia da terra e das propriedades do solo" (9).*

A circulação dos produtos retirados da terra ou da criação obedecia a regras e práticas tradicionais, com baixo índice de comercialização monetizada. Alimentos e alguns utensílios oriundos das fazendas de maior porte, como assinala Djacir Menezes, assumiam,

> *"na maior parte, valores de uso, ditados pela necessidade; o excedente, valor de troca, em volume insignificante para mercados regionais, formados pelas grandes explorações agrárias, às quais se vinculavam, diretamente, as fazendas de criação"(10).*

Os rebanhos, ainda incipientes, foram conduzidos para as regiões centrais, inicialmente pelas vias de fácil penetração, como ocorreu no Ceará, nos caminhos de Aquiraz a Icó, ou em demanda dos altiplanos da Ibiapaba, para depois vencer os acidentes de acesso mais árduo pelo sertão. Nestas paragens floresceriam numerosas fazendas de gado, agrupamentos originais de cuja mobilidade se valeria o povoamento do interior, dos sertões do semiárido.

Alguns traços e identidades comuns podem, entretanto, ser fixados entre essa nova unidade econômico-social e a grande exploração agrícola das zonas litorâneas. As diferenças entre elas, como demonstrou o autor de "O Outro Nordeste", são, todavia, mais acentuadas do que as semelhanças. São universos que se contrapõem, pelas características da sua estrutura econômica, pela disponibilidade de capitais e de investimentos, da demanda por mão de obra, mas, também, pelas relações sociais que aí se estabelecem como consequência de um conjunto de fatores determinantes.

No entorno da pecuária vão-se concentrando, com o passar do tempo, contingentes de pequenos proprietários empobrecidos com a lida da terra e dos animais. A eles somam-se trabalhadores independentes e agregados de toda sorte, em busca de meios de sobrevivência. O gado não

requeria cuidados especiais. Bastava-lhe a pastagem dos vales úmidos e a água de beber. A extensão das terras, fazendas formadas por enormes espaços, não criavam divisas com outras propriedades. Essa circunstância favoreceria, no início da ocupação, a dispersão do rebanho. A terra não representava um bem em si mesmo, não havia limites fixados para o seu uso; as fronteiras móveis não impediam o deslocamento dos rebanhos, antes o favoreciam. O conceito de propriedade fundiária era, por essa razão, ralo nesses começos longínquos.

Os aglomerados humanos que se iam fixando em torno da fazenda de criação assumem dimensões modestas. Desvalidos de trabalho, sem o sustento mínimo para a sua sobrevivência, os excluídos ganhavam o sertão, em bandos, unidos pela necessidade de sobrevivência e pelas alianças e solidariedades eventuais.

O domínio pastoril não chegou a ser, como parece evidente, núcleo aglutinador, ponto de fixação para o nomadismo de uma população que se desloca pelos sertões, demorando-se pelos vilarejos dispersos que não os podiam acolher.

As formas de organização ali desenhadas refletem a adesão espontânea à autoridade, isto é, ao poder eminente do chefe do domínio, do proprietário do rebanho, à fidelidade weberiana aos códigos consensuais, à motivação e às regras de convivência, de lealdades e proteção.

"O Outro Nordeste", 80 anos depois de sua 1a. edição na Coleção Documentos Brasileiros, da Livraria Editora José Olympio

"O Outro Nordeste", de Djacir Menezes, assinala, na literatura e nos estudos sócio-políticos consagrados ao nordeste brasileiro, referência indiscutível para o entendimento das circunstâncias geográficas, econômicas e sociais que distinguem o nordeste árido das fazendas de criação, do nordeste úmido das plantações de cana de açúcar e dos engenhos. São elas, entretanto, realidades distintas que confundem o observador, e induzem à generalização de realidades que parecem comuns à região.

"O Outro Nordeste" foi considerado contraponto crítico ao *"Nordeste"* de Gilberto Freyre, editado pouco tempo antes. Ambos compuseram a coleção "Documentos Brasileiros", lançada pela Livraria José Olympio Editora. Djacir Menezes foi convidado por Gilberto Freyre a

escrever o livro que viria tornar-se, depois, com *"Nordeste",* justamente referência maior em relação aos estudos sobre o Nordeste brasileiro: "... um dos conhecedores mais profundos de sua formação social – Djacir Menezes"(11). Em carta a Djacir Menezes, Gilberto Freyre externa sua confiança em que "O seu estudo, estou certo que será uma contribuição para os modernos estudos brasileiros. O título que sugeri de *O Outro Nordeste* é justamente porque o *seu* nordeste ao lado do *meu* talvez o menos conhecido, embora seja o mais falado: Nordeste das secas, dos grandes misticismos, de menor influência da escravidão, etc." (12). *"Nordeste",* de Gilberto Freyre e *"O Outro Nordeste",* de Djacir Menezes, foram editados pela Livraria José Olympio, em 1937, na Coleção "Documentos Brasileiros.

Manoel Correia de Andrade, na apresentação que escreveu para *"Nordeste",* de Gilberto Freyre, sob o título "Uma visão autêntica do Nordeste", traça em linhas firmes as motivações sociológicas – e por que não confessar, o viés pernambucano –, que levaram Gilberto Freyre a lapidar e dar sentido a um conceito geográfico, concebido sob a inspiração da burocracia oficial, ordenadora e classificatória, atribuindo-lhe fortes componentes culturais, econômicos, sociais e históricos. Referindo-se a *"O Outro Nordeste",* Manoel Correia de Andrade registra: "Mas, ao diversificar os vários nordestes ele (Gilberto Freyre) voltou-se sobretudo para aquele da cana-de-açúcar, aquele que melhor conhecia, de onde se originara e onde disporia de uma maior documentação e de informações. Admitindo que existiam vários Nordestes, enfatizou sobretudo o Nordeste açucareiro, enquanto o Nordeste semiárido ficou ao encargo do sociólogo cearense Djacir Menezes que escreveu sobre o 'outro' Nordeste". E conclui, com ironia, na celebração da obra gilberteana: "Subjetivamente, dava maior importância ao Nordeste canavieiro do que ao semiárido algodoeiro e pastoril, que seria o 'outro' (13)". Em verdade, as duas obras constroem um contraponto paradigmático no qual se opõem e se somam, ao mesmo tempo, os aspectos particulares e comuns de sub-regiões que, trazem em si mesmas, diferenças e singularidades que as assemelham e distinguem.

Djacir Menezes fixou a imagem do "outro" Nordeste, deu-lhe sentido e conotação precisa, aprofundou a visão das diferenças que distanciam e aproximam social e culturalmente as duas sub-regiões por força de imposições naturais e circunstâncias históricas. O antropocentrismo de Gilberto Freyre, muitos anos depois, se materializaria em debate que ganhou a mídia

e os meios intelectuais brasileiros, ao defender a localização, no Recife, da Universidade do Nordeste, com *campi* a ele subordinados, disseminados pelas capitais dos outros estados da região. Persistia na porfia na qual se envolveu o autor de "Casa Grande e Senzala" a "visão" pernambucana de um Nordeste senhorial, na imagem estereotipada e reducionista de uma realidade cativa. Nesse debate ruidoso envolveram-se Antônio Martins Filho, reitor da Universidade do Ceará, e Djacir Menezes, o dissidente do "outro" Nordeste...

"Nordeste", de Gilberto Freyre, e *"O Outro Nordeste",* de Djacir Menezes, foram editados pela Livraria José Olympio Editora, em 1937, na Coleção "Documentos Brasileiros". *"Nordeste",* de Gilberto Freyre, é o volume 4º. da "Coleção Documentos Brasileiros", da Livraria José Olympio Editora; *"O Outro Nordeste",* de Djacir Menezes, seria editado em seguida, 5º. volume da série.

Os "Documentos Brasileiros", cuja publicação se iniciou em 1936, ao lado da "Coleção Brasiliana" da Companhia Editora Nacional, lançada em 1931, representam na história editorial brasileira dois marcos significativos para o conhecimento do Brasil. Heloísa Pontes (14) atribui características próprias a cada uma das duas séries: destaca o caráter "nacional" dos "Documentos Brasileiros", com eles colaboraram autores do eixo Rio-São Paulo e do Nordeste e Sul; conquanto as duas coleções granjeassem o atributo de "local de máxima consagração para autores", estudiosos de questões brasileiras formulam críticas severas aos critérios de seleção dos textos escolhidos.

Na Coleção "Documentos Brasileiros" foram publicados, regularmente, entre 1936 a 1989, 201 títulos. "Raízes do Brasil", de Sérgio Buarque de Holanda, abre a coleção. Dirigida, inicialmente, por Gilberto Freyre entre 1936 e 1938, na sua primeira fase, coube a Octavio Tarquínio de Sousa o encargo de dar continuidade a esse projeto editorial, de 1939 a 1959. A terceira e última fase situa-se entre 1960 e 1989, já sob a direção de Afrânio de Melo Franco. Alguns destaques de autores a serem registrados no acervo de títulos editados nessa coleção enciclopédica, em 53 anos ininterruptos de produção editorial: *Sílvio Romero, Oliveira Viana, Euclydes da Cunha, Nélson Werneck Sodré, Cassiano Ricardo, Oliveira Lima, Pedro Calmon, Luiz Viana Filho, Luiz da Câmara Cascudo, Affonso Taunay, Afonso Arinos de Melo Franco, José Américo de Almeida, Afrânio Coutinho, José Aurélio Saraiva Câmara, Tristão de Atahyde, Cavalcante Proença, Juarez Távora, Hermes Lima, Josué Montello, José Guilherme Merquior...*

Os livros da série seguiam formato grande (14,5 por 23cm) com capa padronizada criada pelo artista gráfico Tomás Santa Rosa, autor do símbolo da coleção, a palmeira. A coleção ocupou-se de variado campo temático: biografia e memória 37,3% dos livros editados; história, 26,1%, ensaios e interpretação sobre o Brasil 25,3%; cerca de 10% dos títulos desenvolveram temas associados à antropologia e etnologia, ao folclore e à geografia ou a um gênero particular de crônicas e relatos de viajantes (15).

"O Outro Nordeste" teve sua primeira edição lançada em 1937. A 2ª. edição esperaria 19 anos, viria a lume em 1966 em projeto gráfico da Editora Arte Nova, do Rio de Janeiro. O autor, em anotação de próprio punho, a ela se refere, como "edição provisória", o que deixa clara a sua intenção de aprofundar o trabalho de revisão da obra em edição futura. Embora referida como *edição provisória*, a 2ª. edição incorpora alterações e anotações à edição *princeps* de 1937, no corpo do livro e no prefácio. Em 1989, a Casa José de Alencar, da Universidade Federal do Ceará, lançou pela "Coleção Alagadiço Novo", impressão em *fac-símile*, com composição tomada como referência da 2ª. edição Editora Arte Nova, de 1966. Por essa razão não a referimos como edição que tecnicamente não pode assim ser considerada, mas "reimpressão" do texto reproduzido de edição registrada. Esta a razão pela qual a presente edição, revista e ampliada pelo autor, com a incorporação de numerosas notas de rodapé e comentários de texto, recebe o registro de 3ª. edição (16).

Acrescida de textos sobre a obra de Djacir Menezes e Gilberto Freyre, de prefácio e súmula biográfica, a presente edição atende a exaustivo trabalho de revisão de texto, correção de faltas acumuladas nas duas edições anteriores e revisão ortográfica e de citações em línguas estrangeiras, circunstância que justifica se lhe atribua a condição de edição definitiva, com a necessária fixação de texto, o que lhe confere as características de edição de referência. Nesta edição, a obra guarda a sua integridade no texto original, salvo numerosas anotações acrescidas pelo autor. Mencione-se, ainda, a incorporação à presente edição de um prefácio, de autoria do professor Antônio Paim, sobre a obra de Djacir Menezes, e de três estudos específicos. De Filomeno Moraes sobre *"Nordeste",* de Gilberto Freyre e de seus contrapontos com "O Outro Nordeste", de Djacir Menezes; de José Estevão Machado Arcanjo sobre os dois nordestes e as circunstâncias históricas e culturais que os aproximam e os diferenciam; e finalmente, sob minha responsabilidade a revisão dos registros que fixam

a imagem do projeto editorial da obra, em três edições, de cuja publicação comemoram-se os 80 anos de seu lançamento. As fotos incluídas no corpo do livro pertencem à coleção do autor, salvo as da sobrecapa colhidas nos arquivos do Instituto do Ceará e da Revista da FIEC, ano 4º. número 38, de 2010, ilustração do artigo de Gevan Oliveira, "Ceará, a civilização do boi". A sobrecapa envolve a capa da 1ª. edição, de 1937, reprodução em *fac-símile* da arte de um *capista* famoso, Santa Rosa, ilustrador da Coleção Documentos Brasileiros.

Esta 3ª. edição que hoje se lança, em regime de coedição do Instituto do Ceará com a Fundação Waldemar Alcântara, é fruto de uma feliz associação de esforços. Lúcio Alcântara, presidente das duas entidades, emprestou-lhe o apoio que se revelaria decisivo e a força de seu prestígio de intelectual e homem público. Ao reitor da Universidade Estadual do Ceará, professor Jackson Sampaio Pereira, dever-se-á a franca acolhida para que fosse pesquisado o Acervo Djacir Menezes, recolhido à UECE, no qual foram identificados manuscritos, deixados pelo autor e utilizados nesta edição. A bibliotecária Ana Néri Barreto de Amorim esteve, sempre, disponível e ofereceu pistas valiosas e orientações que muito auxiliaram os organizadores da 3ª. edição que hoje vem a público.

Um derradeiro registro que não haveria de ser omitido. Os custos de impressão que possibilitaram esta edição foram atendidos graças à doação deixada em vida pelo filho caçula de Djacir Menezes, Djacir, como o pai, decisão cumprida fielmente por sua esposa, Maria Nadir Sampaio Menezes.

A reação crítica despertada, no passado, por "O Outro Nordeste", de Djacir Menezes, cederá lugar, certamente, a novas controvérsias – não seria compreensível esperar que não as suscitasse, oitenta anos transcorridos do seu lançamento. Há, entretanto, que se levar em consideração as circunstâncias históricas em que o livro foi concebido e escrito, e as influências teóricas exercidas sobre a percepção do contexto social, econômico e cultural, de cuja análise resultou o vigoroso esforço de interpretação que lhe deu origem.

Notas Bibliográficas

(1) Del Castillo, G. Céspedes - *"La Sociedad colonial americana en los siglos XVI e XVII",* in "História Económica de España y America", tomo III, Barcelona, 1957, pág. 508.

(2) Freyre, Gilberto – *"Aspectos da Influência da Cana Sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil", 6ª. edição, Record, Rio de Janeiro, 1989, pág. 41.*

(3) Weber, Max – "La Domination", (édition critique), Éditions La Découverte, Paris, 2013, pág. 41.

(4) Abreu, Capistrano – "Capítulos de História Colonial", Edições do Senado Federal, 1998, pág. 135.

(5) Weber, Max – "Economie et Societé", Librairie Plon, Paris, 1971, pág. 221.

(6) Menezes, Djacir – "O Outro Nordeste", "Coleção Documentos Brasileiros", Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1937, pág 86.

(7) Calvez, Jean Yves - *"Aspects Politiques et Sociaux des pays <u>en</u> voie de Développement", Dalloz, Paris, 1971, pág. 15.*

(8) Viana, Oliveira – *"Populações Meridionais do Brasil", "Coleção Brasiliana", Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1938, pág. 218.*

(9) Menezes, Djacir – "O Outro Nordeste", "Coleção Documentos Brasileiros", Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1937, pág 88.

(10) Menezes, Djacir – *op. cit.,1937, pág. 89.*

(11) Menezes, Djacir – *op. cit.,1937, pág. 15.*

(12) Menezes, Djacir – *op. cit., 1937, pág. 17.*

(13) Andrade, Manoel Correia – *Prefácio de "Nordeste", de Gilberto Freyre, Editora Global, 7a. edição, São Paulo, 2010 pág.13*

(14) Pontes, Heloísa – *"Retratos do Brasil: Um Estudo dos Editores, das Editoras e das 'Coleções Brasilianas', nas Décadas de 1930, 40 e 50", in BIB, no. 26, pp. 56-89, 1988.*

(15) Pontes, Heloísa*, art. cit.*

(16) Há referência, em pelo menos dois estudos publicados, a uma 2ª. edição de "O Outro Nordeste", que teria sido editada em 1972 pela Editora Civilização Brasileira, o que evidencia erro de registro bibliográfico em citações equivocadas, pois o autor não a incluiu entre as edições efetivamente publicadas.